

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

Daniel Borges de Menezes  
Fernanda Bonfim de Oliveira  
Lira Matos Martins  
Pollyanna Candida Rodrigues  
Suzana Alves Gloria

**MITOS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS E O SURDO:**  
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS

Goiânia  
2009

DANIEL BORGES DE MENEZES  
FERNANDA BONFIM DE OLIVEIRA  
LIRA MATOS MARTINS  
POLLYANNA CANDIDA RODRIGUES  
SUZANA ALVES GLÓRIA

**MITOS SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS E O SURDO:**  
PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Relatório das atividades realizadas para a Prática  
como Componente Curricular, sob orientação da  
Profa. Ms. Neuma Chaveiro.

Goiânia  
2009

## RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de investigação sobre mitos a respeito de línguas de sinais e o surdo a partir da fala de nove professores universitários de diversas áreas na UFG. Quadros e Karnopp (2004) discutem pré-concepções sobre o Surdo e sua modalidade lingüística, enumerando seis mitos que percebem como recorrentes nas falas comuns, tais como: “A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos” (ibid., p. 31). Os sujeitos entrevistados apresentaram em suas falas noções diversas: hora correspondendo aos mitos, hora com concepções não discorridas pelas autoras e outras vezes com noções adequadas ao tema da surdez e linguagem visuo-espacial. Dessas noções variadas, obtidas por meio de entrevistas gravadas e a partir de questionário estruturado, apresentam-se as devidas análises e discussão dos assuntos correlatos, fazendo-se assim uma ocasião para diálogos interdisciplinares sobre o tema da surdez na comunidade universitária dessa instituição.

## ABSTRACT

This work aims to present results of an investigation among professors in the Federal University of Goiás (UFG) and their notions about deaf people and their language modality. Quadros and Karnopp (2004) discuss misconceptions and prejudices about Deaf subjects and the Sign Language by recognizing six kinds of myths regarding the theme, such as: “Sign language would be a mix of pantomime and concrete gesticulation which is unable to express abstract conceptions” (ibid., p. 31, *our translation*). A diversity of notions was presented in the speech of the interviewed professors: sometimes showing similarities with those myths; in other cases presenting misconceptions others than the ones discussed by the authors; and also notions which are adequate to deafness as well as deaf culture and sign language matters. These various notions in speeches obtained through structured questionnaire create the opportunity for a broader discussion about the theme in the academic community, thus, seeking for constructive interdisciplinary dialogues about this current reality in society.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>.....</b>	<b>2</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>.....</b>	<b>3</b>
<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>.....</b>	<b>5</b>
<b>2. LÍNGUA DE SINAIS</b>	<b>.....</b>	<b>7</b>
2.1.	A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA-CÓDIGO E INSTRUMENTALISMO LINGÜÍSTICO .....	9
2.2.	SIGNOS LINGÜÍSTICOS OU PANTOMIMAS? .....	11
2.3.	SÍMBOLO E SÍMBOLO-SIGNO .....	15
2.4.	NOÇÕES DE CONCRETUDE EM LÍNGUAS .....	16
2.5.	LINGUAGENS DE SINAIS E O CÉREBRO .....	19
<b>3 SURDO: UMA IDENTIDADE CULTURAL</b>	<b>.....</b>	<b>22</b>
<b>4 CONCLUSÃO</b>	<b>.....</b>	<b>26</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b>	<b>.....</b>	<b>28</b>
<b>7 APÊNDICE: ENTREVISTAS TRANSCRITAS</b>	<b>.....</b>	<b>29</b>
<b>8 ANEXO A: QUESTÕES DAS ENTREVISTAS</b>	<b>.....</b>	<b>48</b>
<b>9 ANEXO B: GRÁFICO DAS RSPOSTAS OBJETIVAS</b>	<b>.....</b>	<b>49</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Entendemos por “mitos” modalidades discursivas que constituem narrativas formadas socialmente; transmitidas e modificadas nas gerações por meio da tradição cultural de uma comunidade. Os mitos desempenham uma função organizadora de ideais e operam juntamente com as crenças, as atitudes dos sujeitos construindo identidades e justificando papéis sociais, sustentando um modo de vida de uma comunidade.

Os sujeitos surdos têm sido no decorrer da história, marginalizados e não tendo seus potenciais reconhecidos, foram privados de desenvolverem sua autonomia e modos de vida próprios à suas condições. Nos últimos tempos, no entanto, vêm conquistando reconhecimento político de suas culturas e línguas, mas ainda é notável a falta de informação que a sociedade ouvinte tem de suas reais condições, sua cultura, seus valores e suas línguas. Deste modo sustentam-se suposições, crenças, e os próprios mitos em torno dessa realidade presente, mas ainda não muito conhecida e reconhecida pela comunidade majoritária de ouvintes. ( Ver Seção 2 deste trabalho)

Quadros e Karnopp (2004, PP 31-37) apresentam uma série de idéias a que chamam de mitos sobre a língua de sinais, que se mostram em controvérsia com análises lingüísticas das línguas de sinais presentes em vários países, a partir das quais se reconhece as línguas sinalizadas como tendo *status* de “língua”. Os mitos são:

- A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.
- Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.
- Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais, que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.
- A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.
- As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes.
- As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial, enquanto que o esquerdo, pela linguagem.

A sustentação de mitos pode gerar atitudes preconceituosas privando os sujeitos de exercerem suas cidadanias. Eles podem agir no sentido de justificar práticas sociais (como educação e política) que criam estruturas hierárquicas discriminatórias que em muitos casos oprimem e estigmatizam sujeitos (ou uma comunidade minoritária) numa sociedade enquanto privilegiam e prestigiam outros.

Entendemos que a universidade seja um ambiente apropriado e produtivo para as discussões à cerca dos conflitos e nuances da convivência social e da condição humana. Assim, a implantação do curso de licenciatura em LIBRAS na UFG traz novos subsídios para se olhar para a sociedade, os sujeitos e suas linguagens de modo a se confrontar crenças e suposições a cerca do tema apresentado. É com este intuito que se faz o presente trabalho realizado por alunos de graduação em Letras orientados por suas discussões, leituras, debates e familiaridade com os assuntos aqui presentes.

Este trabalho é resultado de um projeto de Prática como Componente curricular desenvolvido na Faculdade de Letras/ UFG sob o título *Mitos sobre a língua de sinais e o surdo* que teve como objetivo verificar como noções e mitos a respeito da referida modalidade lingüística e seus usos e usuários se apresentam nas falas de professores universitários tanto da área de Letras e Lingüística quanto de outras áreas da comunidade acadêmica na UFG, somando um total de nove professores.

Para tanto, adotou-se como metodologia a coleta de falas obtidas em entrevistas estruturadas com questionário tanto de perguntas objetivas quanto subjetivas que foram gravadas e transcritas para análise (Ver APENDICE) seguida de discussões em grupo pelos participantes desta Prática. As questões foram propostas já nos projetos, em que os participantes vieram a se inscrever, e requeriam respostas conceptuais e definições a partir de pontos de vista pessoal; bem como avaliavam o conhecimento que os sujeitos entrevistados tinham de conceitos relacionados ao surdo, língua de sinais e educação, como na questão “O Surdo é mudo?” (Anexo A, questão 12). Questões desse tipo, que poderia ser parafraseada como “*Ser mudo* entra no conceito de ‘Surdo’?”, que muitas vezes foi interpretada como verificações categóricas, do tipo “Todo surdo é mudo”, gerando com isso respostas de naturezas diferentes como: “Não nem todo surdo é mudo” e “Não há relação”.

Por decorrência das condições de coleta de dados, parte das entrevistas limitou-se a ser discursiva nas duas primeiras questões, enquanto as respostas das demais questões foram apenas marcadas no gabarito ou não argumentadas pelo entrevistado. Outra parte, no entanto, obteve respostas reflexivas e argumentativas também nas questões propostas como objetivas, de 3 a 16, (Anexo A). Destas, inferimos como respostas não apenas “sim” e “não”, mas

também “sim e não”, “nem sim nem não” e “não tenho opinião”. Para tanto, considerou-se como resposta a fala como um todo e não simplesmente a resposta imediata que geralmente se alternaram entre “sim” e “não” (Anexo B).

Para a exposição do tema neste trabalho, optamos por dividí-lo em seções de modo a abranger os assuntos relativos ao que se obteve nas falas dos entrevistados. Assim em cada seção apresentamos um tópico, os mitos relacionados a eles, as noções que os entrevistados apresentaram seguida da discussão dessas noções. Começamos, pois analisando o tópico Língua de Sinais (LS).

## 2. LÍNGUA DE SINAIS

O primeiro estudioso a analisar a estrutura dos sinais e assim dar maior visibilidade às pesquisas realizadas a respeito da língua de sinais foi o Dr. William C. Stokoe, Jr. (1919 - 2000)<sup>1</sup>, que realizou uma extensa pesquisa a respeito da Língua Gestual Americana. Em 1960 comprovou que a língua de sinais era composta por uma sintaxe e gramática independentes assim como qualquer língua falada no mundo (QUADROS E KARNOPP, 2004).

A língua de sinais é considerada pela lingüística como língua natural por apresentar as propriedades presentes nas línguas orais, “é um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”. (CHOMSKY *apud* QUADROS E KARNOPP 2004)

As Línguas de Sinais são as línguas naturais das comunidades surdas. São línguas de modalidade espaço-visual, com estruturas gramaticais próprias e, como *línguas*, são compostas pelos níveis lingüísticos correspondentes às línguas orais. O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais é denominado sinais, nas línguas de sinais.

A Língua de sinais usada oficialmente no Brasil é a LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais) que teve seu reconhecimento como linguagem a partir de 24 de abril de 2002 com lei 10.436. Mas ela não é a única. (BRASIL. MEC: Secretaria de Educação)

Existe também no Brasil a Língua de Sinais Kaapor Brasileira que é a língua usada por uma pequena comunidade indígena de surdos, no sul do estado do Maranhão.

A lei No 10.098, de dezembro de 2000, estabelece normas e critérios básicos para a acessibilidade de portadores de deficiência. No que se diz em relação aos Surdos, provia a

---

<sup>1</sup> O Dr. William C. Stokoe foi um estudioso, que pesquisou extensivamente Língua Gestual Americana enquanto trabalhava na Universidade Gallaudet. De 1955 a 1970 trabalhou como professor e chefe do departamento de inglês, na Universidade Gallaudet. Publicou *Estrutura da Língua Gestual* e foi co-autor de *Um Dicionário de Língua Gestual Americana sobre Princípios Lingüísticos* (1965).

eliminação de barreiras na comunicação (Art.17º), a implementação de formação de intérpretes (Art.18º) e a permissão para o uso da linguagem de sinais (Art.19º).

Em 24 de abril de 2002 é criada a lei 10.436 que reconhece, no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais. Entendendo-a como uma forma de comunicação, que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.(Art.1º)

Por meio do decreto 5.626, de 25 de dezembro de 2005, é inserida a Libras como disciplina curricular nos cursos de formação de professores e em todos os cursos de licenciaturas (Art.3º), formação de docentes em libras, a difusão da LIBRAS e da língua portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, entre outras medidas.

As línguas de sinais presentes nas comunidades surdas têm despertado interesse de pesquisadores diversos em vários lugares do mundo, bem como as próprias comunidades e os sujeitos surdos (QUADROS & KARNOPP, 2004). No desenvolvimento desses estudos assumem-se, pois, concepções de Língua e verificam-se como as Línguas de Sinais participam e fomentam tais concepções, admitindo-se que elas apresentam-se de fato como línguas estruturadas e desempenham seus papéis enquanto organizada socialmente e organizadora de comunidades surdas viabilizando suas práticas sociais.

No entanto muitas questões relacionadas a essas línguas e práticas lingüísticas continuam em aberto e geram suposições que, não obstante, formam crenças e mitos a respeito dessa modalidade lingüística, assim como acontece com as modalidades das línguas orais (mesmo que mais difundidas) e a linguagem humana em suas abrangências (*ibidem*).

Tais suposições e crenças são observáveis tanto no discurso de pessoas inseridas em comunidades científicas de lingüistas e cientistas sociais quanto entre leigos em linguagem e línguas de sinais. E se referem tanto ao Surdo quanto às comunidades e às propriedades das línguas: suas modalidades de realização, sua estruturação em gramáticas e a natureza dos signos que a compõem.

Pretendemos nesta seção discorrer sobre aspectos propriamente lingüísticos temas das crenças, suposições e mitos a partir das idéias sobre linguagem, língua e língua de sinais apresentadas por autores e autoras como Quadros e Karnopp (2004), dentre outros; das perguntas do questionário aplicado nas entrevistas, e respostas advindas delas; e das discussões no grupo da PCC.

O questionário aplicado aos entrevistados relaciona perguntas a respeito da natureza da língua de sinais tanto em questões objetivas quanto na primeira questão, que é subjetiva/discursiva, que diz: “Para você o que é língua de sinais?” (Ver anexo A).

As diversas respostas mostram noções variadas a respeito dessa modalidade lingüística e sobre língua e linguagem de um modo geral, incluindo crenças e mitos.

Começaremos por discorrer sobre aspectos relacionados à definição de *língua* e como isso se apresenta na fala dos nossos entrevistados.

## 2.1. A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA-CÓDIGO E INSTRUMENTALISMO LINGÜÍSTICO

É comum que, ao se perguntar a alguém se uma LS apresenta uma gramática, admita-se que Línguas de Sinais são sim estruturadas, e que se reconheça que seja uma língua “como outra qualquer”. E no decorrer da conversa observa-se que vários termos que a definem coincidem com caracterizações mesmo das línguas orais, que passam pelos termos: “É um código...”, “meio de comunicação”, “conjunto de elementos símbolos”, etc., como observado em falas de nossos entrevistados (APÊNDICE), como nas que se seguem:

- 1) “Mas eu acredito que é um conjunto símbolos para as pessoas que não falam e que não escutam”(Sujeito 3, p.32).
- 2) “É um mecanismo, um *código* de comunicação de pessoas com deficiência auditiva e muda.” ( Sujeito 4, APÊNDICE, p. 34)
- 3) “A pessoa surda é a pessoa que faz uso justamente dessa língua de sinais, que não deixa de ser uma *linguagem codificada* como Saussure falou.” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37)
- 4) “[Línguas de sinais] são gestos, mas com significado, né? Porque é um *código*!” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39)

A idéia de *conjunto* (delimitado e tangenciável), como é a noção de *código*, resume a língua a um conjunto de palavras e termos que marcariam os significados transmitidos em seu uso. Desta forma, toda semântica se resumiria a uma semântica do léxico ignorando significados gerados (e interpretados) por seqüenciais de enunciados e pelo próprio ato da

enunciação e suas condições de realização, como no caso dos *implícitos*<sup>2</sup> percorridos pelo semanticista Oswald Ducrot (1977).

Sabemos, no entanto, que o uso da língua se dá numa esfera complexa de relações interpessoais caracterizada por conflitos e negociações num “jogo” em que, conforme o autor, “a língua oferece não apenas a ocasião e o meio, mas também o quadro institucional, a regra” (DUCROT, 1977, p. 12). Assim é o uso da língua de sinais por sujeitos surdos inseridos nessa complexidade de relações inter-humanas, com suas identidades, necessidades e realizações.

Vemos em Ducrot (*ibidem*) que associada à idéia de código está à noção de *comunicação*, e o autor explica que as possíveis implicações em se tratar língua como instrumento de comunicação é a delimitação de suas funções à transmissão de informações (*ibidem*) não reconhecendo que

[...] muitas outras funções são essenciais na língua, funções que ela preenche, tornando possíveis atos que lhe são específicos – e que não têm nenhum caráter natural – como os de interrogar, ordenar, prometer, permitir ... etc.

Nas entrevistas verificamos vários trechos que narram sobre a língua, como nas seguintes falas:

- 5) “Eu entendo que é a forma de comunicar com a pessoa que não consegue ouvir. É a linguagem usada como meio de comunicação para quem não pode ouvir” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 42-43)
- 6) “É a língua que os deficientes utilizam para se comunicar. Não só o deficiente, né, mas também quem quer se comunicar com o deficiente também” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39)
- 7) “A língua de sinais é uma forma de comunicação no caso alternativa em relação aos que não tem necessidade e uma necessidade de comunicação em relação aos que outros” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46)

Sabemos que a troca de informações é necessária entre os membros de uma comunidade, como na comunidade surda, e para a interação com a comunidade de ouvintes, como foi colocado em (6). No entanto, essa noção de *código informacional* não dá conta da complexidade de recursos operantes através da língua, oral ou de sinais, seja na produção de efeitos de significados - pela expressão de pensamentos, nas reações afetivas (como nas

---

<sup>2</sup> Na sequência usada como exemplo pelo autor A: “Não pergunte minha opinião” e B: “Senão eu a dou” traz como implícito C: “Minha opinião o desagradaria”, que não poderia ser compreendido por uma *decodificação* simplesmente.

interjeições), na expressão artística (como na poesia), na persuasão, etc - ou na construção de identidades e papéis sociais que guiam as atividades realizadas numa comunidade.

A respeito dessas noções Ducrot (1977) assim conclui:

“Dizer que as línguas naturais são códigos, destinados à transmissão da informação de um indivíduo a outro, é, ao mesmo tempo, admitir que todos os conteúdos expressos graças a elas são exprimidos de maneira *explícita*. Com efeito, por definição, uma informação codificada é, para aquele que sabe decifrar o código, uma informação que se dá como tal, que se confessa, que se expõe. O que é dito no código é totalmente dito, ou não é dito de forma alguma” (idem, p. 13”).

Além dessas idéias, nas falas (1) e (5) estão marcadas a crença de que língua de sinais está em função de determinados objetivos, verificada na palavra “para”, do que se pode inferir que a mesma fora *criada*, como explicitado pelo sujeito S6 (APÊNDICE p. 40): “Acho que ela foi criada, né. Eu gostaria até de saber qual o histórico dessa língua”, assim, provavelmente seria por ouvintes que queriam se comunicar com os surdos e *equipá-los* para comunicarem entre si. Deste modo se ignora a relação de uma língua como estruturadora e estruturada por uma comunidade com seus valores e hábitos culturais autênticos ao invés de como elementos *importados* de outros modos de vida.

A respeito dos falantes da língua de sinais, observa-se em (6) e (7) a possibilidade de participação de sujeitos sem déficit auditivo nas interações lingüísticas com sujeitos surdos por conta de sua “alternativa” lingüística. E, especialmente em (7), não se exclui a possibilidade da constituição de uma comunidade surda e de forma heterogênea (ver seção 2). Assim, tal idéia se caracteriza como uma abertura para se discutir e se formarem noções mais abrangentes a respeito do Surdo, sua comunidade e línguas de sinais.

## 2.2. SIGNOS LINGÜÍSTICOS OU PANTOMIMAS?

A noção de *gestos* parece estar no senso comum relacionado à interação visual entre os falantes como uma forma complementar de linguagem, procurando-se preencher supostas limitações da linguagem verbal, quando considerada como *código*, na comunicação entre as pessoas em situações diversas.

Um dos sujeitos entrevistados assim se expressa: “Língua de sinais é a maneira que a gente se expressa além das palavras” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37). Nesta fala, está contida a noção de palavras como algo sistêmico, ao passo que os sinais seriam “parassistêmicos”.

Gestos são concebidos hora como sendo basicamente o movimento de mãos que aparecem durante a fala das pessoas; outras vezes incluindo movimentos de cabeça e ombros; e em alguns casos movimentos com a boca e expressões faciais - constituindo-se assim uma espécie de *expressão corporal global*. Duas falas expressam o que entendem por *gestos*: “Eu acredito que seja uma mistura de gestos, mas expressões faciais também” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37) e “Ela é basicamente gestos, né, mas não é só gestos tem também toda uma expressão facial”. (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 42-43)

Geralmente admite-se com facilidade que certos gestos constituem-se por *convenção*, como tendo significados específicos entre falantes inseridos numa comunidade (como o sinal de positivo), sendo que, do mesmo modo que os movimentos *não-convencionados* (como o sorriso), eles estariam participando da *comunicação espontânea* entre os falantes. Um dos entrevistados se explica:

“Talvez sejam quase dedutíveis, por conta de serem gestos utilizados para outras finalidades, mas não sei se essa derivação [da gestualização de ouvintes] é limitado a isso”. (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

Assim, independentemente de suas configurações terem ou não uma relação dita *motivada* com as coisas, e de serem ou não convencionados, os gestos são tidos como parte natural das conversações cotidianas, que seriam realizadas fundamentalmente por meio da oralidade.

Nas conversações do dia-a-dia, falantes usam estratégias variadas para interagirem uns com os outros. Em várias situações de interação verbal entre as pessoas, a procura de representações que figurem o que se quer dizer é desejada e realizada de diversas formas. Pode-se, por exemplo, apontar para um objeto próximo evocando algumas de suas características que representem o que se quer dizer (como tamanho, cor, etc.) como no enunciado “A bola era do tamanho daquela televisão” (apontando para uma TV de 29’ polegadas). Também é possível indicar verbalmente coisas que evoquem, por cognição, as representações desejadas, como na expressão “mais alvo que a neve”. Mas além dessas formas, pode-se também evocar as características desejadas num diálogo por meio da operação gestual. Entende-se que essas estratégias são utilizadas tanto por falantes orais na tentativa de se fazerem entender melhor quanto por surdos ao se comunicarem com ouvintes, como mostra a idéia do entrevistado:

“Porque, eu não entendo da língua de sinais dos surdos-mudos, eu não saberia falar com o surdo mudo, mas eu acho que ele se faz entender, com uma pessoa leiga

como eu nessa linguagem, ele se faz entender com os gestos e também com as expressões.” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37)

Ao se imitar formatos, dimensões, movimentos, etc., formam-se as *pantomimas*, que são representações gestuais *icônicas*, mas *não-convencionadas* uma vez que a realização de uma pantomima requer um tanto de *improviso*, pois a escolha dos aspectos relevantes a serem figurados no gesto se dá *situacionalmente*.

A esse respeito, é interessante notarmos que apesar de poder ser icônico, um sinal ou um signo não tem uma “universalidade” assegurada por sua *motivação*, do que Quadros e Karnopp (2004, p.32) explicam:

[...] toda arbitrariedade é convencional, pois quando um grupo [ou alguém numa situação de pantomima] seleciona um traço como uma característica do sinal, outro grupo [ou indivíduo] pode selecionar outro traço para identificá-lo. Assim, pode-se dizer que a aparência exterior se um sinal é enganosa [...].

Diferentemente dos *ícones convencionados*, as pantomimas não podem, por conseguinte, constituir um *sistema*, visto que este requer um grau de *convencionalidade* dos signos entre os praticantes dos gestos assegurando seu uso. Nesse sentido, um entrevistado entende que se há uma gramática formada por signos lingüísticos, na conversa de um surdo deve haver sinais além dos convencionais para se fazerem compreender por ouvintes:

“Depende de uma gramática, só que é uma gramática visual, mas como nem todos os seres humanos sabem dessa gramática então eu acho que o surdo-mudo ele se serve de alguns gestos que são espontâneos e a pessoa entende” (S 5, p.XI, ).

Gestos pantomímicos, no entanto, podem (por atos de repetição e aprendizagem) vir a se convencionarem e participarem de um sistema de oposições mais ou menos estável passando a compor uma língua de sinais, o que se dá num processo histórico de compartilhamento social dos sinais tornando-os signos lingüísticos. Assim, é compreensível que se imagine que os sinais lingüísticos visuo-espaciais possam ter se constituído dessa interação gestual do surdo para o ouvinte, ou do ouvinte para o surdo. Um entrevistado assim se expressa:

“Ate onde eu conheço, imagino que algumas expressões, não que derivem naturalmente da comunicação de qualquer ouvinte, mas algumas expressões aludem gestos que tenham um conteúdo para alem do especialista do conhecedor da linguagem. (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

E, somando-se a isto, sabe-se que, de um modo geral, os signos icônicos tendem, nesse processo, à perda da motivação, como explica os autores (ibidem, p.33):

Forças lingüísticas e sociolingüísticas tendem a inibir a natureza icônica dos sinais, tornando-os mais arbitrários através do tempo. Além disso, processos gramaticais regulares (flexões nominais e verbais, por exemplo) também a suprimir relações icônicas.

Essa evolução rumo à arbitrariedade dos signos vai munindo cada vez mais a *língua* em direção à plenitude de seu funcionamento enquanto o “mais completo e mais difundido sistema de expressão, [e] também o mais característico de todos” (Saussure, *idem*).

Visto dessa forma, compreendemos que línguas de sinais naturais, como a LIBRAS, asseguram subsídios para um funcionamento pleno nas práticas sociais, o que contraria muitas noções de que as línguas de sinais são restritas e que “não dão conta do recado”. Mesmo porque em se tratando de iconicidade, é verificado que a maior parte dos signos que compõem uma língua de sinais, como a americana (LSA), não apresenta propriedades icônicas (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 33), se for esse um critério de avaliação do funcionamento das línguas, como sugere o *Course* (Saussure, *idem*).

Na idéia que se faz de “comunicação espontânea” em línguas de sinais se fazem presentes, pois, gestos de diferentes naturezas (sistêmicos, não-sistêmicos e em processo de sistematização), dando muitas vezes a impressão de uma “mistura de gestos” realizados de forma “caótica” para espectadores que não estão inseridos numa cultura que utiliza LS.

Isso porque as estratégias utilizadas nas “conversações espontâneas” refletem as características essencialmente imagéticas, próprias das mesmas, de modo que gestos de toda espécie se apresentam como instrumentos recorrentes nessas interações, o que pode dar a entender que gestos ou sinais são utilizados apenas, ou essencialmente, em situações informais expressando menos idéias abstratas - em que a linguagem oral seria necessária para expressá-las - pressupondo-se, assim, a incapacidade abstracional de língua de sinais.

Entende-se por esse viés que os gestos e sinais observáveis nas conversações cotidianas estariam se realizando *em função* de um sistema propriamente lingüístico, e não como *parte* constituinte de um.

### 2.3. SÍMBOLO E SÍMBOLO-SIGNO

Quando se discute símbolo, o primeiro aspecto aludido em sua definição é o da sua natureza representacional motivada, colocado por Saussure ([1916] 2000, p.82) da seguinte forma:

O símbolo tem uma característica não ser jamais completamente arbitrária; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significado e o significante.

Essa definição de símbolo se relaciona com a noção de ícone pelo fato de ambos terem o fator *motivação* em comum. Porém uma questão importante de se entender é sua diferença do ícone em termos de representação: o ícone parece geralmente se relacionar a referentes mais concretos (objetos, por exemplo) ao passo que o símbolo, como se vê adiante no exemplo discutido por Saussure, designa conceitos de maior abstração, como: “paz”, “nação”, “justiça”, etc. Este último, como indicado no exemplo do autor, seria representado pela balança – um objeto que remete à idéia de “equilíbrio” e, portanto, tem propriedades favoráveis à representação de “justiça”. Assim mantém um vínculo, ainda que parcial com a idéia que representa. “O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo.” (*ibidem*), explica o autor.

Verificamos o uso de tal termo nas falas de nossos entrevistados, como se segue:

“Eu acredito que tenha alguns símbolos que sejam universais” (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

“Mas eu acredito que é um conjunto símbolos para as pessoas que não falam e que não escutam” (Sujeito 3, APÊNDICE, pp. 32-33)

“Na nossa língua nós somos mais prolixos, agente usa muito mais símbolos e na linguagem surdo-mudo, eu acho que ele usa menos e se faz entender mais.” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37)

“[...] língua de sinais como alguma simbologia alternativa ao padrão de estilo convencional” (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

É comum o uso do termo “símbolo” de forma genérica, i.e., referindo-se não apenas a um sinal que venha a representar toda uma idéia, ou conceito abstrato por uma relação de

contigüidade, como explica Saussure; mas também se referindo ao próprio signo sendo motivado ou arbitrário.

Uma aplicação da definição de símbolo ao sistema lingüístico seria possível no caso de se fazer uma configuração desenhando, por exemplo, um *coração* com o significado não de “coração” (como um ícone), mas significando “amor”, que é um conceito mais abstrato do que “coração”. Em última análise, no entanto, este símbolo-signo só estaria se constituindo como um signo lingüístico propriamente dito quando estivesse participando do uso dentro de uma *relação de oposição* de significados num sistema, e não de modo isolado ou eventual, como na pantomima.

#### 2.4. NOÇÕES DE CONCRETUDE EM LÍNGUAS

A questão 04 perguntada aos participantes da pesquisa relaciona-se diretamente as idéias que se tem de *língua* e, mais especificamente *línguas de sinais*. Refere-se à noção de *concretude lingüística* que, como observado, varia entre os sujeitos entrevistados, que muitas vezes declaram não terem uma definição segura do termo, respondendo ao serem questionado:

“Mais *concreta*? Humm... não, eu não entendo o sentido que você estaria sugerindo concretude.” (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

“Eu acho que *concreto* você quer dizer [...]” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39)

“Não sei o que quer dizer esse concreto [...]” (Sujeito 7, APÊNDICE, pp. 40-41)

“Eu não sei se eu entendi muito bem a pergunta. Até que ponto uma língua é concreta ou abstrata.” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46)

A pergunta foi elaborada tendo como base a capacidade de expressão de conceitos abstratos das línguas de sinais apresentado por Quadros em “Mito 1: a língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31).

A questão da concretude, de acordo com o mito colocado pela autora, estaria relacionada à “realização de gestos” e a “iconicidade de signos”, no entanto apresenta interpretações diferentes pelos entrevistados da pesquisa, como na passagem:

- (1) “Não. Ela é capaz de promover uma comunicação através de alguns **gestos concretos**, mas não só isso. Eu não sei se eu entendi muito bem a pergunta.

Até que ponto uma língua é concreta ou abstrata. Ela tem um **código concreto**, mas também tem **características abstracionistas**” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46)

.Podemos dividir as suas considerações da seguinte forma:

*A) Concretude do sistema linguístico: em que a concretude está relacionada à organização sistêmica coesa dos sinais (incluindo as relações de oposição, por exemplo), formando um “código estruturado” a que se chama de ‘língua’ (podendo inclusive ser referido num processo metalingüístico).*

Esta noção se infere em (1) pelo termo “código concreto”, e no sujeito entrevistado S6 (APÊNDICE, p. 40) , dizendo: “Eu acho que ela transmite a meta linguagem também. Eu acho que concreto você quer dizer mensagem e meta mensagem, que seriam aspetos lingüísticos. Eu acho que sim”.

A essa noção de concretude lingüística soma-se conceitos que os sujeitos tem de língua, como por exemplo: “conjunto (tangenciável) de signos”, “código usado para comunicação”, “estrutura gramatical”, etc., sendo que o próprio termo “estrutura” normalmente alude à idéia de concretude, como no dizer “Esta casa tem boas estruturas”.

*B) Concretude do signo lingüístico: em que um significante agrega uma maior quantidade de conceitos, função, significados sendo concretos ou abstratos.*

Estas idéias podem ser inferidas nos trechos:

- (2) “Se concretude for a possibilidade de ser mais **densa** em termos de comunicação, talvez ela tenha mais restrições em relação a padronização da linguagem como dita comum, então, não sei se ela é mais concreta”. (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)
- (3) “Na nossa língua nos somos mais prolixos, agente usa muito mais símbolos e na linguagem surdo mudo, eu acho que ele usa menos e se faz entender mais.” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37)

De acordo com essas noções, uma língua de sinais teria uma sintaxe mais simples, pois em cada sinal já estariam inseridas as idéias de tempo, modo, número, gênero, etc., dispensando preposições e desinências, por exemplo. Isso, de acordo com (2), tornaria mais restrita a comunicação, ao passo que em (3) entende-se que quem assim a usa comunica, digamos, “mais com menos”.

Tratam-se, de fato, de características comuns em línguas de sinais, que não se restringem a isso, mas que, no entanto, não são propriamente características delas, mas possíveis nas línguas naturais como um todo.

**C) Concretude do referente:** *em que mais concreta é a língua capaz de se referir apenas a objetos concretos por meio de dêiticos, representações icônicas, termos que designem substâncias (sendo eles motivados ou arbitrários).*

Esta noção pode ser explicada em (1) com o termo “características abstracionistas” e nas seguintes passagens em que lemos:

“- A língua de sinais é uma mais língua concreta? Ou ela consegue expressar conceitos abstratos?  
- Ah, claro que consegue!”  
(Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 42-43)

“- Ela consegue expressar conceitos abstratos?  
- Ah! Sim... sim... Claro que ela consegue falar de emoções”.  
(Sujeito 7, APÊNDICE, pp. 40-41)

Essa noção de concretude é compreendida em se consideramos que o que é mais concreto é aquilo que podemos “ver”, ou seja, o significado daquilo que se diz está ligado ao que tem formato, tamanho, textura, cor, etc. (referente concreto).

Quando relacionado a língua de sinais, essa noção traz uma idéia limitadora da língua, tornando-a incapaz de expressar conceitos abstratos, como “emoções”, conforme o mito apresentado por Quadros e Karnopp (2004).

**D) Concretude da realização significante<sup>3</sup>:** *É mais concreto aquilo que tem realização motora e é mais visualizável.*

Podemos interpretar como parte desta categoria o termo “gestos concretos” em (1) e também:

“Por um lado ela é mais concreta porque ela depende de uma **gestualização** para o outro entender,” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37)

<sup>3</sup> Optei pelo termo “realização significante” para distinguir de “significante” simplesmente. Este, de acordo com Saussure é a “imagem acústica”, que é de natureza psicológica, ou seja, a representação mental daquela que são elementos realizados na cadeia da fala, como o som, a motricidade da fala, a imagem do sinal, etc., que seriam concretos em termos de substância.

“A escrita é concreta, então a língua de sinais é concreta”. (Sujeito 7, APÊNDICE, pp. 40-41)

A realização motora nas línguas orais se dá no aparelho fonador e é menos perceptível em termos de visualização (a não ser na modalidade escrita) do que nas línguas de sinais, que apresenta no campo visual todas as configurações envolvidas na realização das articulações da língua. Nessa idéia de concretude, o sinal que leva o significado é concreto, independentemente de o próprio significado ser um objeto ou um conceito abstrato. Assim a palavra “nação” sendo sinalizada em LIBRAS, ou na escrita, seria mais concreta que se fosse pronunciada oralmente.

Ao se juntar as noções apresentadas em C e D, a idéia de concretude se aproxima mais com o de iconicidade, visto que são percebíveis como mais icônicos aqueles signos cujos sinais se parecem com seus referentes, que por ventura são estes também substâncias concretas. Assim é mais concreto aquilo que se “parece” com a coisa representada.

Desta forma é normal que se associe a noção de concretude e iconicidade um tanto a mais às línguas de modalidade visuo-espacial e escrita do que as orais, devido à possibilidade de se representar formas e dimensões usando configurações gestuais e sinais gráficos, o que é menos provável em se tratando de oralidade.

## 2.5. LINGUAGENS DE SINAIS E O CÉREBRO

Um dos mitos levantados por Quadros (2004), sobre as línguas de sinais, é de que a LS por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial.

Analisando as entrevistas em confronto com os estudos teóricos realizados, percebe-se que há uma falta de informação dos entrevistados a respeito do mito acima. Tal fato fica claro na observação de um dos sujeitos da pesquisa que assim se expressou: “É difícil falar como se fosse uma impressão técnica ou precisa, né?” (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

Podemos citar como impressão técnica conforme estudos realizados por Paul Broca e Carl Werneck. Paul Broca, neurologista francês, estudou e descobriu que as pessoas que possuem lesões em uma parte do hemisfério esquerdo do cérebro, hoje chamado de área

Broca, apresentavam problemas na fala, contudo entendiam a linguagem falada. (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, P 50). Carl Werneck descobriu que as pessoas que possuem lesões em outra parte do hemisfério esquerdo do cérebro, chamado de área Werneck, tinham problemas de compreensão, mas com perfeita condições de fala. (*ibidem*) Lesões no hemisfério direito causam problemas relacionados ao Visio - espacial, como a incapacidade de reproduzir um simples desenho, como uma casa, uma árvore, mas não impede a compreensão ou a fala em LS.

O estudo sobre as línguas faladas era a base de pesquisa sobre como as línguas se processam no cérebro, ate pouco tempo atrás. De um modo geral acredita-se que a língua de sinais esta localizada no hemisfério direito do cérebro, por causa da associação a visão e espaço.(QUADROS E KARNOPP, 2004) Estudos recentes a respeito da Neuro-Fisiologia da Linguagem de Sinais , nos permitiu compreender um pouco mais desse mistério. (*ibidem*)

Na reportagem da revista Scientific American Brasil (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL –A língua de sinais no cérebro/edição especial. Duetto. N 4) explica que a língua de sinais e a falada compartilham propriedades abstratas, mas diferem radicalmente em sua forma externa. As línguas faladas são codificadas em mudanças acústico-temporais, variações do som no tempo. As línguas de sinais, contudo, baseiam-se em mudanças visuo-espaciais, para assinalar contrastes lingüísticos.

Perguntam-se com isso em que lugar então, se encontra a lesão que causa afasias na língua de sinais? Quadros e Karnopp (2004) explicam que pesquisas apresentadas por Bellugi e Klima com Surdos, indicaram que a linguagem humana, independe da modalidade das línguas, sendo a língua de sinais processada no hemisfério esquerdo, assim como qualquer outra língua. Um dos sujeitos entrevistados não distingue hemisférios e funções relacionados à língua de sinais e assim se expressa. “Eu creio que ela seja visual. Agora eu não sei se a visão está localizada no mesmo lado da linguagem”. (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 42-43)

Em outra análise percebe-se a observação feita por alguns sujeitos entrevistados, onde indica uma indução a resposta através da questão referida (Questao 6 da entrevista, anexo I). Analisando as respostas, os sujeitos responderam como se fosse um complemento à pergunta, pois a mesma induz ao sim, quando explica que a língua é visuo-espacial e que o hemisfério direito é a área responsável pelo visuo-espacial, mas não referente às línguas. Observe: “Eu já não tenho como dizer isso. Quando você faz a pergunta me parece lógico que sim, mas eu não tenho esse conhecimento pra afirmar isso não”. (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46), “Sim” (Sujeito 2, APÊNDICE, p. 30),“Sim” (Sujeito 3, APÊNDICE, p. 32). Assim se vê o erro

induzido, a forma como é apresentado ao sujeito o fez pensar que sim, que a LS está localizada no hemisfério direito, responsável pelo visuo-espacial.

Outrora, observa-se o senso comum, a opinião popular, o raciocínio lógico, de como a LS se divide no cérebro, associando-se a divisão dos hemisférios e suas funções. Observemos a fala de o sujeito a seguir.

“Eu acho que não, assim como a linguagem também serve a expressão artística e isso talvez transcenda um pouco a essa divisão entre um hemisfério carregado mais da racionalidade e o outro carregado da criatividade ate onde eu acompanho essa divisão de sistematização dos potenciais dos hemisférios, imagino que a linguagem de sinais também deve estar suscetível a influencia de ambos os hemisférios”. (Sujeito 1, APÊNDICE, pp. 27-29)

Também nota-se uma mistura, uma confusão, feita entre a língua de sinais e gestos dentro do contexto lingüístico. (Ver subseção 2.2) Acredita-se que a LS é uma mistura de gestos inventados e já articulados pelos ouvintes, gestos que se configuram em códigos lingüísticos. “Ah, eu acho que devem ser várias áreas do cérebro. Porque você tem a linguagem corporal, o uso das mãos, o processamento de significado desses gestos e isso se transforma num código lingüístico”. (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39). Em confronto com os estudos teóricos, realizados por Quadros e Karnopp (2004), e pela reportagem da revista Scientific American Brasil, que informam que provavelmente o hemisfério esquerdo seja dominante na produção e compreensão de sinais e sentenças, pois estes processos dependem de habilidades espaciais locais. E que o hemisfério direito seja dominante no estabelecimento e manutenção do discurso coerente na língua de sinais, porque estes processos dependem de habilidades espaciais globais. A partir desses estudos obtém-se que o sujeito entrevistado apresenta um conhecimento homogêneo em relação ao processamento do discurso e assim se expressou na fala acima. O discurso na língua de sinais tem uma organização espacial única: quando se conta uma historia com muitos personagens, a pessoa identifica cada um deles por uma localização diferente. O espaço em frente do narrador torna-se uma espécie de palco visual no qual cada personagem tem seu lugar, explica a reportagem da revista.

O assunto apresenta-se tão complexo e inimaginável em seus estudos que um dos sujeitos expressa claramente sua falta de conhecimento a respeito da linguagem e cérebro. Ele nem se arrisca sobre o assunto. “Não sei te dizer isso”(Sujeito 4, APÊNDICE, p. 34).

Quadros e Karnopp (2004) expõem que o interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, pois, até bem pouco tempo, as concepções e investigações acerca da linguagem humana eram proporcionadas pelo estudo das línguas orais. Entretanto, as línguas

de sinais, podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas. Assim entendemos o porquê da falta de conhecimento dos entrevistados a respeito da língua de sinais e o cérebro, ou seja, esse estudo é novo e ainda pouco difundido.

A língua de sinais se situa no hemisfério esquerdo do cérebro, assim como as línguas orais, e causam afasias na língua em caso de lesão nesse hemisfério. E por isso conclui-se que os entrevistados demonstram indiferença em relação ao assunto. Estudiosos como Paul Broca e Werneck afirmam que seriam necessários estudos com dezenas de surdos que se comuniquem por sinais, que tenham lesões em lugares exatos, para apurar especificamente quais as partes do cérebro estão envolvidas na língua de sinais. Através dessa noção percebemos que estes estudos são limitados em sua precisão, e que seriam necessárias mais pesquisas a fim de entender a função e o papel do hemisfério direito no processamento da língua de sinais. As diferenças entre as línguas faladas e a de sinais são sutis e específicas da língua.

### 3. SURDO: UMA IDENTIDADE CULTURAL

“Ser surdo não é melhor nem pior que ser ouvinte é apenas diferente”

Pimenta J.

A língua é fator determinante de uma cultura, assim, com o reconhecimento da língua de sinais a cultura surda se fortaleceu e conseqüentemente o Surdo. Mas quem é o surdo?

Existem dois conceitos de surdez: a cultural e a médica. Do ponto de vista médico o surdo é considerado um deficiente auditivo, alguém que possui perda de audição, comprovada por exames audiológicos, categorizada em quatro graus: a leve, a moderada a severa e a profunda. Do ponto de vista cultural o surdo é um indivíduo pertencente a uma comunidade surda e tem como principal componente cultural uma língua própria, a língua de sinais. Essa distinção de conceito é feita por meio de uma convenção na qual ao se referir ao Surdo com “S” maiúsculo, se refere ao indivíduo pertencente à comunidade surda, e com “s” minúsculo, a uma definição médica. (SACKS, 2007)

Falcão (2007, p. 106) dá um conceito simples e claro de quem é a pessoa surda.

“O ser surdo é a pessoa, indivíduo com identidade civil e cidadão ao qual são oferecidos condições especiais de leitura, interpretação e comunicação com e do mundo, de educação escolar com qualidade, de formação profissional,

compartilhando no dia-a-dia vivências sociais significativas, desenvolve condições de auto-sustentabilidade e autonomia semelhante aos ouvintes”.

Quando perguntamos aos sujeitos quem é a pessoa surda notamos que os mesmos não têm a visão do surdo com uma identidade, mas como um indivíduo que apresenta uma falha, um deficiente. “É aquela pessoa que não consegue perceber os sons em sua volta.” (Sujeito 2, APÊNDICE, p. 30), “Ah, quem é o surdo? É quem tem a deficiência auditiva, né?” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39), “É a pessoa que tem algum problema na audição” (Sujeito 7, APÊNDICE, pp. 40-41).

Percebemos que o uso dos termos “deficiente” foi bastante utilizado, “porque os surdos desde o início foram rotulados como portadores de uma patologia, alguém com limitações” (PLACIDO, *apud* FALCÃO, 2004). Para a sociedade tudo o que foge do padrão ouvintista passa a ser deficiente, é preciso acabar com essa concepção baseada em conceitos médicos.

Além do termo “deficiente” alguns entrevistados também utilizaram o termo “surdo-mudo”, é natural que esse termo se apresente pois nas décadas passadas acreditava-se que por serem surdos os indivíduos seriam incapazes de falar. Entretanto, os natissurdos<sup>4</sup> possuem aparelho fonador idêntico aos demais, o que eles não têm é a capacidade de ouvir a própria fala e monitorar o som com o ouvido, por isso aprendem a monitorá-los com outros sentidos. (Sacks, 2007, p. 38)

Tendo essa concepção o S6 responde: “a maioria sim”, quando questionado se o surdo é mudo. (Sujeito 3, APÊNDICE, pp. 32-33)

“Ser surdo é oriundo de uma atitude diferente ao déficit, não devemos levar em consideração o grau de perda auditiva [...] devemos reconhecer o grau de convivência e o reconhecimento de suas potencialidades e habilidades geradoras de competência se oportunizados para tanto, reconhecendo na individualidade pessoas naturais e humanas”. (FALCÃO, 2007, p.110)

É preciso reconhecer o Surdo como uma identidade integrante de uma comunidade, a comunidade surda. Por décadas ouve-se falar da necessidade de integração dos surdos na comunidade ouvinte, esse convívio se dava pela obrigatoriedade de oralização dos surdos, o que mostrava total desrespeito às diferenças.

A comunidade é o que fortalece a identidade do surdo, que dá mais força e coragem para enfrentar uma sociedade majoritária, ainda preconceituosa. A existência dessa

---

<sup>4</sup> Também conhecidos como pré-linguais. Indivíduos que ficaram surdos antes de aprender a falar e que por isso tem muita dificuldade em aprender a falar.

comunidade permite a aproximação entre surdos e ouvintes. GOLDFELD (1997, p. 112) acredita que a melhor forma de respeitar as diferenças e possibilitar uma maior interação e um pleno desenvolvimento da criança surda, é através do bilingüismo e biculturalismo.

Na comunidade surda a surdez é uma diferença primordial, uma marca que determina a forma de se identificar e de se conviver reconhecendo o Surdo por sua singularidade. Pois

“[...] Quem tem surdez parte de uma condição narrada como diferenciada em relação a quem tem audição. Com essa afirmação, não quero trazer o ouvinte para ser comparado com o surdo, mas quero trazer o som e o olhar para marcar identidades”. (LOPES, *apud* SACKS, 2007)

O respeito à pessoa surda está em considerá-lo bicultural e eliminar o conceito de que ele apresenta um déficit. Ele é bicultural porque além de participar de um grupo lingüístico e cultural minoritário está em constante contato com a comunidade ouvinte. (.....)

SACKS (2007, p.16) relata em seu livro a sua própria experiência em reconhecer os Surdos como integrantes de uma comunidade:

“[...] comecei a vê-los sob uma luz diferente [...] cheios de uma vivacidade, uma animação que eu não conseguia perceber antes. Só então comecei a pensar nele não como surdos, mas como Surdos, como membros de uma comunidade lingüística deferente”.

Em alguns depoimentos dos sujeitos deste estudo pode-se notar que existe uma noção, ainda que pequena ou inconsciente, da comunidade surda, o que pode ser observado na resposta de um dos entrevistados ao se perguntar sobre a existência de organização gramatical na língua de sinais. “Eu acho que tem todo um contexto” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46). Quando o sujeito diz sobre a existência de um contexto para as práticas sociais, subentende-se que seja para a utilização em uma comunidade.

Repete essa mesma idéia ao opinar sobre o universalismo da língua de sinais afirmando que: “alguns sinais são compreensíveis dentro de uma mesma população ou dentro de um mesmo contexto sócio-cultural” (Sujeito 8, APÊNDICE, pp. 45-46). Quando questionado se a língua de sinais deriva ou não de uma comunicação gestual dos ouvintes responde: “Talvez ela tenha nascido de uma necessidade”.

A idéia que o sujeito transmite é que, se a língua de sinais surgiu de uma necessidade, provavelmente seja uma necessidade de comunicação em uma comunidade emergente, já que esta só pode ser assim definida a partir da existência de uma língua própria.

Verificou-se que alguns sujeitos não demonstram a consciência da existência da comunidade surda, quando questionados se a língua de sinais deriva ou não da comunicação gestual espontânea dos ouvintes obteve-se a seguinte resposta “Acho que ela foi criada...” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39). Nesta fala entra em questão o instrumentalismo, que é a criação de uma língua para alguém e com alguma finalidade, excluindo assim a noção de comunidade.

Essa comunidade não é composta apenas pelos Surdos, mas também por familiares e todas as outras pessoas que se identificam, utilizam a língua de sinais e se propõe a integrar-se à comunidade, participando das atividades que caracterizam o estilo de vida surdo.

É perceptível que alguns sujeitos da pesquisa têm esse conhecimento de que qualquer pessoa pode integrar-se a essa comunidade. “[...] não só o deficiente, né, mas também quem quer se comunicar com o deficiente também”.(Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39). É preciso aceitar as diferenças entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, lembrando que os surdos se esforçam para se integrarem na comunidade majoritária, porém como Labourit relata, poucos ouvintes agem da mesma forma.

“Quero entender o que dizem. Estou enjoada de ser prisioneira desse silêncio que eles não procuram romper. Esforço-me o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforçam. Queria que se esforçassem.” (LABOURIT, 1994, p. 39).

Com esse desabafo percebemos que o surdo enfrenta o preconceito que os ouvintes têm em relação a eles, de não tentarem incluí-los e querer que apenas eles se esforcem para a integração na sociedade.

Talvez seja até por esse preconceito que os mitos sobre a Língua de Sinais e os Surdos ainda persistem na sociedade, provocando assim um distanciamento entre as duas comunidades.

“O uso do termo cultura surda não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilhem da mesma cultura” (WILCOX, 2005, p. 78).

As línguas de sinais não seguem delimitação, política ou lingüísticas (orais). Pode haver em um único país mais de uma língua de sinais como também pode haver mais de um país falando a mesma língua de sinais. Alguns sujeitos entrevistados mantêm a concepção de que a Língua de Sinais tenha essa delimitação referida, tal fato é perceptível através da forma como o sujeito se expressou “Não, porque cada país tem a sua língua. A língua dos Estados Unidos e Canadá são diferentes”. (Sujeito 7, APÊNDICE, pp. 40-41). Esta é uma informação equivocada que corresponde à crença de que as línguas são delimitadas politicamente, pois,

justamente nesse caso, sabe-se que a Língua de Sinais utilizada é a *Língua Americana de Sinais* para ambos os países.

Com relação à crença de que as Línguas de Sinais são delimitadas pelo uso das línguas orais infere-se da seguinte fala uma pré-concepção em relação a isso:

“Eu não sei por que são línguas diferentes, né? Por exemplo, o surdo do Japão vai aprender a língua de sinais do Japão vão aprender sinais ‘japoneses’ eu imagino. [...] Ele vai usar a língua dele para se comunicar” (Sujeito 6, APÊNDICE, pp. 38-39)

Percebe-se nessa fala a noção de que as línguas de sinais seja uma versão sinalizada das línguas orais. Casos mostram que as línguas de sinais independem das línguas orais, podemos utilizar como exemplo a Língua de Sinais Americana e a Língua de Sinais Britânica, de acordo com estudos “são mutuamente incompreensíveis” (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, p. 52). Esses países utilizam a mesma língua oral (inglês) e diferentes línguas de sinais.

Outrora ao serem questionados sobre a universalidade da LS, obtivemos as seguintes respostas: “É sim” (Sujeito 3, APÊNDICE, pp. 32-33), “Acho que sim” (Sujeito 4, APÊNDICE, p. 34), “Acredito que sim, pelo conhecimento que eu tenho” (Sujeito 5, APÊNDICE, pp. 36-37). Percebemos através destas falas a falta de concepção dos sujeitos em relação ao assunto.

Contrapondo tal pré-concepção temos que as razões que explicam a diversidade das línguas de sinais são também das línguas faladas. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.33).

De modo geral os entrevistados não apresentam uma noção abrangente a respeito da existência de uma comunidade fomentada por uma cultura surda integralizada pelo uso das línguas de sinais pelo Surdo, definida em sua abrangência.

#### 4. CONCLUSÃO

Reconhecer uma LS como uma língua qualquer é admitir que além de cumprir com suas funções mais primárias de comunicação e expressão do pensamento, entendemos que ela também atua como guia e modela as ações nas práticas sociais viabilizando-as, não no sentido da simples troca de informação, mas na formação de hábitos culturais que incluem a comunicação, a reflexão, a educação, o exercício da cidadania e formação de identidades nos sujeitos que fomentam essa organização, participando de uma formação cultural e da experiência de seus falantes nessa cultura praticando e transmitindo seus valores.

Da mesma forma que entendemos que a linguagem modela ações e que isto acontece também na LS e culturas surdas, concluimos que falar de Língua de Sinais de forma limitada (em termos de código e comunicação) constitui uma atitude que define formas de se ver a linguagem surda, a comunidade e o próprio sujeito surdo - que entendemos ser função de um mito como tal: a modelagem de pensamentos e ações com objetivos efetivos nas práticas sociais como a educação e o exercício político.

Muitos dos nossos entrevistados, ainda que apresentando crenças e noções equivocadas a respeito do surdo em suas linguagens, em expressões tais como “me parece que” “eu acho que”, admitem suas condições leigas e até se propõem a discutir o tema com esclarecimento.

A implantação do curso de Libras na UFG gera o lugar e a ocasião para reflexões sobre o exercício da cidadania do Surdo e a autonomia de suas comunidades inseridas no quadro nacional, bem como pesquisas e estudos sobre suas organizações e modo de vida incluindo seus aspectos sociais e lingüísticos dentre outros.

Neste sentido é bem retratada a colocação de Salles (BRASIL MEC, 2002, p.85)

“[...] a investigação das propriedades das línguas de sinais abre novos horizontes para o entendimento das línguas naturais e da cognição humana, além de propiciar o desenvolvimento de tecnologias que possam contribuir para a socialização do surdo e a afirmação de seus valores culturais”.

Este trabalho se deu como um estudo qualitativo, que a partir dele pode se ampliar as discussões e debates a respeito do tema apresentado. Sem, no entanto ter tido qualquer pretensão de julgamento das idéias apresentadas pelos sujeitos entrevistados e nem de apresentar uma análise estatística uma vez que o *corpus* não é quantitativamente representativo da comunidade docente da UFG. Uma análise com um *corpus representativo* poderia dar as indicações sobre a distribuição das idéias, seja por área de atuação dos participantes, por tempo de atuação enquanto professor ou outras variáveis quaisquer. Mas o que se pode afirmar nesse sentido a partir deste estudo é a existência de uma heterogeneidade de concepções aparentemente não demarcada por áreas.

## REFERENCIAS

- BRASIL. *Decreto-lei* no. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei no. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União (Brasília, DF), 23 DEZ 2005.
- DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Lingüística*. (Dizer e não dizer). Tradução: Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1977.
- FALCÃO, Luiz Albérico. *Aprendendo a LIBRAS e reconhecendo as diferenças: um olhar reflexivo sobre a inclusão*. Recife: Ed. Do autor, 2007
- GOLDFELD, Márcia. *A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista*. São Paulo: Plexus, 1997.
- PLÁCIDO, E. G. R.; MACHADO, T. *Hiperestória de apoio ao desenvolvimento cognitivo do portador de deficiência auditiva*. Monografia. UNISUL. Tubarão SC, 1996.
- SACKS, Oliver. *Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- QUADROS, Ronice Müller e KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos*. Artmed, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 20.ed. São Paulo: Cultrix, [1916], 1995.
- SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL- *A Língua de Sinais e o Cérebro*. (Edição Especial). Duetto.no. 4.
- PLÁCIDO, E. G. R.; MACHADO, T. *Hiperestória de apoio ao desenvolvimento cognitivo do portador de deficiência auditiva*. Monografia. UNISUL. Tubarão SC, 1996.
- SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL- (revista). *A Língua de Sinais e o Cérebro*. (Edição Especial). Duetto.no. 4, p.50-57.

## APÊNDICE: ENTREVISTAS TRANSCRITAS

### Sujeito 1:

Qual a Unidade da UFG que você está vinculado?

“Faculdade de Ciências Sociais”.

Para você o que é Língua de Sinais?

“Eu vejo com um instrumental alternativo aos recursos formais via alfabeto romano ou recursos audiovisuais e áudio auditivos né, língua de sinais como alguma simbologia alternativa ao padrão de estilo convencionado, a do alfabeto romano, qualquer coisa alternativa a isso entendo como língua de sinais”.

Para você quem é a pessoa surda?

“Eu procuro ver como um sujeito, um cidadão como qualquer outro que tem uma especificidade, não sei se falar correto, um tipo de, deficiência também é um vocábulo que tem sido descartado, mas que merece uma atenção especial por parte de todos os meios em que ele frequenta por conta dessa dificuldade auditiva”.

A língua de sinais é uma mistura de gestos? Sim ou não?

“Olha eu conheço muito pouco mas, até onde eu entendo ela pode ser expressa por gestos também mas não sei se limita-se a isso não”.

A língua de sinais é uma língua mais concreta? Sim ou não?

“Mais concreta? Humm, não eu não entendo o sentido que você estaria sugerindo concretude. Se concretude for a possibilidade de ser mais densa em termos de comunicação, talvez ela tenha mais restrições em relação a padronização da linguagem como dita comum, então, não sei se ela é mais concreta”.

A língua de sinais é universal? Sim ou não?

“Eu imagino que sim. Não tenho certeza, imagino que talvez deva haver uma peculiaridade entre as linguagens diferentes, nações diferentes, mas eu acredito que tenha alguns símbolos que sejam universais.

Existe uma organização gramatical da língua de sinais? Sim ou não?

“Sim, claro, uma sintaxe muito específica”.

A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes? Sim ou não?

“Até onde eu conheço, imagino que algumas expressões, não que derivem naturalmente da comunicação de qualquer ouvinte, mas algumas expressões aludem gestos que tenham um conteúdo para além do especialista do conhecedor da linguagem. Talvez sejam quase

dedutíveis, por conta de serem gestos utilizados para outras finalidades, mas não sei se essa derivação é limitado a isso”.

As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial. Sim ou não?

“É difícil falar com se fosse uma impressão técnica ou precisa, né?”

“Eu acho que não, assim como a linguagem também serve a expressão artística e isso talvez transcenda um pouco a essa divisão entre um hemisfério carregado mais da racionalidade e o outro carregado da criatividade ate onde eu acompanho essa divisão de sistematização dos potenciais dos hemisférios, imagino que a linguagem de sinais também deve estar suscetível a influencia de ambos hemisférios”.

O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? Sim ou não?

“Nervosa e explosiva? Não imagino que não. É uma imagem que fica por conta de determinado gestual necessário para comunicação. Não absolutamente”.

O surdo tem problema mental? Sim ou não?

“Não, também uma coisa completamente dissociável”.

Todo surdo faz leitura labial? Sim ou não?

“Imagino que não, imagino que leitura labial e um recurso que eles utilizem , que tem que ser aprendido, que tem que ser treinado”.

O surdo é mudo? Sim ou não?

“Não, bem, apesar que esta questão é capciosa, uma vez eu li alguma coisa a respeito disso, é a deficiência, não eu não poderia me recordar, para te dizer exatamente qual relação entre a capacidade da fala, e a capacidade da audição. Mas imagino que deva haver casos em que isso não esteja conectado, isso não seria uma resposta”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais? Sim ou não?

“Imagino que não também, imagino que talvez ele entende mas que não seja a alfabetização padrão para a criança que apresenta essa dificuldade auditiva ou de fala, desde o inicio da vida. Imagino que o sujeito possa também, fica difícil falar sem isso, mas de uma forma que ele e trago, consegue ler o alfabeto, imagino que...”

É fácil aprender a língua de sinais? Sim ou não?

“Acho que deve ser difícil quanto qualquer outra, apesar da amplidão de expressões que se pode utilizar”.

Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? Sim ou não?

“Um aluno surdo?! Curiosa pergunta. Será que ele é capaz de reconhecer através de leitura labial, não alfabeto manual. Ah sim ele pode verter aquilo que ele esta recebendo em algum tipo de anotação. Sim, imagino que sim.

O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? Sim ou não?

“Boa pergunta, não sei, não sei, imagino que a língua de sinais seja mais ampla que o alfabeto manual, mas isso é uma opinião, não sei.

O alfabeto manual com alguma organização pré-determinada com sintaxe própria.

**Sujeito 2:**

Qual a Unidade da UFG que você está vinculado?

“Instituto de informática”.

Para você o que é Língua de Sinais?

“Uma forma de comunicação através de gestos”.

Para você quem é a pessoa surda?

“É aquela pessoa que não consegue perceber os sons a sua volta”.

A língua de sinais é uma mistura de gestos? Sim ou não?

“Sim”.

A língua de sinais é uma língua mais concreta? Sim ou não?

“Não”.

A língua de sinais é universal? Sim ou não?

“Não”.

Existe uma organização gramatical da língua de sinais? Sim ou não?

“Acredito que sim”.

A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes? Sim ou não?

“Não”.

As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial Sim ou não?”

“Sim”.

O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? Sim ou não?

“Não”.

O surdo tem problema mental? Sim ou não?

“Não”.

Todo surdo faz leitura labial? Sim ou não?

“Não”.

O surdo é mudo? Sim ou não?

“Não”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais? Sim ou não?

“Não”

É fácil aprender a língua de sinais? Sim ou não?

Acredito que sim.

Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? Sim ou não?

Pode.

O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? Sim ou não?

“Não”.

**Sujeito 3:**

Qual a Unidade da UFG que você está vinculado?

“Instituto de Matemática”.

Para você o que é Língua de Sinais?

“É uma pergunta difícil pra mim que mexo com matemática. Mas eu acredito que é um conjunto símbolos para as pessoas que não falam e que não escutam”.

Para você quem é a pessoa surda?

“A que não ouve”.

A língua de sinais é uma mistura de gestos? Sim ou não?

“Sim”.

A língua de sinais é uma língua mais concreta? Sim ou não?

“Não sei responder”.

A língua de sinais é universal? Sim ou não?

“É sim”.

Existe uma organização gramatical da língua de sinais? Sim ou não?

“Acredito que sim”.

A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes? Sim ou não?

“Sim”.

As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial. Sim ou não?

“Sim”.

O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? Sim ou não?

“Nem sempre”.

O surdo tem problema mental? Sim ou não?

“Não”.

Todo surdo faz leitura labial? Sim ou não?

“Sim”.

O surdo é mudo? Sim ou não?

“A Maioria sim”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais? Sim ou não?

“Não”.

É fácil aprender a língua de sinais? Sim ou não?

“Acredito que sim. Apesar que eu não sei”

Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? Sim ou não?

“Pode se ele estiver observando o lábio da pessoa que está falando”.

O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? Sim ou não?

“Não”.

**Sujeito 4:**

Qual a Unidade da UFG que você está vinculado?

“Faculdade de Historia “.

Para você o que é Língua de Sinais?

“É um mecanismo, um código de comunicação de pessoas com deficiência auditiva e muda, como que é? Auditiva né?”

Para você quem é a pessoa surda?

“Quem tem algum tipo de deficiência auditiva, que a impede ou dificulta sua comunicação, imagina né, uma definição técnica”.

A língua de sinais é uma mistura de gestos? Sim ou não?

“Acho que não”.

A língua de sinais é uma língua mais concreta? Sim ou não?

“Acho que sim”.

A língua de sinais é universal? Sim ou não?

“Acho que sim”.

Existe uma organização gramatical da língua de sinais? Sim ou não?

“Não sei lhe dizer, não tenho elementos para te dizer isso”.

A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes? Sim ou não?

“Que eu entenda não, ela é codificada né?”

As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial. Sim ou não?

“Não sei te dizer isso”.

O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? Sim ou não?

“Acho que não”.

O surdo tem problema mental? Sim ou não?

“Acho que não, também”.

Todo surdo faz leitura labial? Sim ou não?

“Não”.

O surdo é mudo? Sim ou não?

“Alguns são, outros não”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais? Sim ou não?

“ Não”.

É fácil aprender a língua de sinais? Sim ou não?

“Imagino que não”.

Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? Sim ou não?

“Pode, se ele souber falar”.

O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? Sim ou não?

“Acho que não, mas não sei te dizer não. Não, não é não, tem expressões que sinalizam uma situação não é A, B, C, não é código morse”.

**Sujeito 5:**

Qual a unidade da UFG você está vinculada?

“FAV” Faculdade de Artes Visuais.

Pra você o que é a língua de sinais?

“Língua de sinais é a maneira que agente se expressa além da palavra.”

Pra você quem é a pessoa surda?

“Pessoa?”

Surda

“A pessoa surda é a pessoa que faz uso justamente dessa língua de sinais, que não deixa de ser uma linguagem codificada como Saussure falou. Saussure achava que não só a língua falada ou a escrita eram um sistema de sinais, mas a linguagem surdo-mudo, como a roupa que agente veste, na minha área, como eu sou designer de moda. A roupa também é um sistema de sinais.”

Você acha que a língua de sinais é uma mistura de gestos? Sim ou não?

“Eu acredito que seja uma mistura de gestos, mas expressões faciais também. Porque, eu não entendo da língua de sinais dos surdos-mudos, eu não saberia falar com o surdo mudo, mas eu acho ele se faz entender, com uma pessoa leiga como eu nessa linguagem, ele se faz entender com os gestos e também com as expressões.”

A língua de sinais é uma língua mais concreta? Sim ou não?

“É... Eu acredito que...não sei. Essa resposta eu não saberia te responder. Por um lado ela é mais concreta porque ela depende de uma gestualização para o outro entender, mas por outro lado, eu acho assim...Pelo que eu vejo quando eu vejo uma entrevista, alguma coisa que tenha uma tradução na linguagem do surdo-mudo, que é de sinais, eu vejo os gestos vejo que eles exigem muito mais... vamos dizer... a interiorização do pensamento do que nossa língua. Na nossa língua nos somos mais prolixos, agente usa muito mais símbolos e na linguagem surdo mudo, eu acho que ele usa menos e se faz entender mais.”

A língua de sinais é universal?

“Acredito que sim, pelo conhecimento que eu tenho.”

Existe uma organização gramatical na língua de sinais?

“Não sei, eu não sou profissional nessa área, e não posso te responder.”

A língua de sinais deriva de uma combinação gestual espontânea dos ouvintes?

“É... eu tenho a impressão que existe uma codificação, assim... um sistema que é como a língua falada e a linguagem escrita. Depende de uma gramática, só que é uma gramática

visual, mas como nem todos os seres humanos sabem dessa gramática então eu acho que o surdo-mudo ele de serve de alguns gestos que são espontâneos e a pessoa entende.”

As línguas de sinais, por ser organizada espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espacial. Sim ou não?

“Não sei, essa pergunta eu não sei responder. (risos) Ela, ela...Você que entende da língua de sinais ela é processada no hemisfério direito? Certo? Então ela é mais matemática? Porque eu lido muito com o hemisfério esquerdo, porque a nossa área é artes visuais, né, então é o hemisfério esquerdo que lida... Não sei...”

O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? Sim ou não?

“Acredito que não. Nossa... eu conheço muitas pessoas surdas que não são.”

O surdo tem problema mental?

“Acredito que não. É um problema físico e não mental.”

Todo surdo faz leitura labial? Sim ou não?

“Não sei dizer... Acredito que sim, porque todo ser humano busca se comunicar, de uma maneira ou de outra, então se ele não tiver de posse uma linguagem codificada, ele vai se servir dos meios que são possíveis a ele fazendo leitura de sinal. Quanto mais tempo ele tem, acho que mais ele vai ficando hábil nisso.”

O surdo é mudo? Sim ou não?

“Geralmente ele não é mudo, mas geralmente ele tem dificuldade para falar porque como ele não ouve, então ele tem que repetir um som que não chega ate ele. Então ele tem dificuldade para falar e muitas vezes usar a voz dele. As palavras que ele emite não são... não são pronunciada da mesma maneira que agente, que escuta.”

Todos os surdos conhecem a língua de sinais? Sim ou não?

“Acredito que não”

É fácil aprender a língua de sinais?

“Pra mim eu acho que é muito difícil. Ela é muito rápida e você tem que falar muitas palavras. Principalmente eu que falo muito, que sou professora e estou acostumada a falar muitas palavras a cada minuto, então seria muito difícil.”

Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? Sim ou não?

“Eu acho que sim. Se é uma língua eu acho que ele captaria, né?”

O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? Sim ou não?

“Eu ‘tô’ partindo do pré-suposto que sim. Não é a minha área, mas eu ‘tô’ partindo do pré-suposto que a linguagem é essa.

**Sujeito 6:**

Entrevistador: Gostaria primeiro de saber a que área da UFG você está vinculada?

Entrevistado: “Faculdade de Letras. Departamento de língua estrangeira (Inglês)”.

Pra você o que é a língua de sinais?

“É a língua que os deficientes utilizam para se comunicar. Não só o deficiente, né, mas também quem quer se comunicar com o deficiente também”.

Pra você quem é a pessoa surda?

“Quem é a pessoa surda”.

È! Quando falam pra você... o surdo. Quem é o surdo?

“Ah, quem é o surdo? É quem tem a deficiência auditiva, né”.

Você acha que a língua de sinais é uma mistura de gestos?

“Não! São gestos, mas com significado, né? Porque é um código!”

A língua de sinais, você acha que é uma língua concreta? Ou consegue transmitir além do concreto?

“Eu acho que ela transmite a meta linguagem também. Eu acho que concreto você quer dizer mensagem e meta mensagem, que seriam aspetos lingüísticos. Eu acho que sim”.

È você acha que pode expressar conceitos abstratos?

“Os sentimentos, por exemplo?”

È!

“Olha é difícil porque eu não conheço, né? Mas eu imagino que tudo que envolva ser humano acaba acontecendo dessa forma”.

Você acha que a língua de sinais é universal?

“O que você quer dizer com ‘universal’?”

Por exemplo, você acha que aprendendo a língua de sinais aqui no Brasil pode utilizá-la no Japão?

“Eu não sei por que são línguas diferentes, né? Por exemplo, o surdo do Japão vai aprender a língua de sinais do Japão vão aprender sinais ‘japoneses’ eu imagino. (risos) Ele vai usar a língua dele para se comunicar”.

Existe alguma organização gramatical na língua de sinais?

“Organização? Ah, deve ter. Com certeza tem uma estrutura”.

A língua de sinais deriva de uma combinação gestual dos ouvintes?

“Acho que não. Acho que ela foi criada, né. Eu gostaria até de saber qual o histórico dessa língua”.

As línguas de sinais, por ser organizada espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espacial. Você acredita que é?

“Ah, eu acho que devem ser várias áreas do cérebro. Porque você tem a linguagem corporal, o uso das mãos, o processamento de significado desses gestos e isso se transforma num código lingüístico”.

Você acha que o surdo é uma pessoa nervosa e explosiva?

“Eu acho que eles devem ser como todo mundo é, né? Acho que nos momentos certos eles devem explodir”.

Todo surdo faz leitura labial?

“Acho que não. E o surdo que for cego?”

Todo surdo é mudo?

“Não”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais?

“Não, se ele não for alfabetizado na língua de sinais e não vai saber talvez ele só faça leitura labial.”

**Sujeito 7:**

Aqui no departamento você é professora de quê?

“Língua Inglesa”.

Pra você é o que é a língua de sinais?

“A língua de sinais é a língua... Libras é a língua de sinais usada no Brasil para pessoas que tem deficiência auditiva”.

Pra você quem é a pessoa surda?

“É a pessoa que tem algum problema de audição”.

Você acha que a língua de sinais é uma mistura de gestos?

“Não, mistura de gesto entende-se por confusão. Ela é uma língua comum que usa outro meio de comunicação que é o gestual que muda de país pra país”.

A língua de sinais é uma língua mais concreta?

“Não sei o que quer dizer esse concreto. A escrita é concreta, então a língua de sinais é concreta”.

Ela consegue expressar conceitos abstratos?

“Ah! Sim... sim... Claro que ela consegue falar de emoções”.

A língua de sinais é universal?

“Não, porque cada país tem a sua língua. A língua dos Estados Unidos e Canadá são diferentes”.

Existe alguma organização gramatical na língua de sinais?

“Acredito que sim”.

A língua de sinais deriva de uma combinação gestual dos ouvintes?

“Isso eu acho que não, mas não tenho certeza porque não sei a origem de libras”.

As línguas de sinais, por ser organizada espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espacial. Você acredita que é?

“Nunca pensei sobre esse assunto, mas certamente por ser linguagem vai ser vinculada a parte de linguagem do cérebro também.”

Você acha que o surdo é uma pessoa nervosa e explosiva?

“Não”.

O surdo tem problema mental?

“Não tem problemas somente nos nervos que passam pelo ouvido” (riso)

Todo surdo faz leitura labial?

“Não”.

Todo surdo é mudo?

“Não, conheço pessoas com problemas de audição que falam”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais?

“Não”.

É fácil aprender a língua de sinais?

“Não acho que não. Quando eu falo que não eu falo pensando em mim. Seria como aprender uma língua estrangeira e aprender qualquer língua é difícil. Você tem que realmente se dedicar, praticar. Então eu acho que tenha sim uma dificuldade”.

**Sujeito 8:**

Você é professora aqui da letras em qual área?

“Da área de Francês”

Pra você é o que é a língua de sinais?

“Eu entendo que é a forma de comunicar com a pessoa que não consegue ouvir. É a linguagem usada como meio de comunicação para quem não pode ouvir”.

Pra você quem é a pessoa surda?

“Bom é a pessoa que não tem audição, que não consegue ouvir a voz, o barulho”.

Você acha que a língua de sinais é uma mistura de gestos?

“Ela é basicamente gestos, né, mas não é só gestos tem também toda uma expressão facial”.

A língua de sinais é uma mais língua concreta? Ou ela consegue expressar conceitos abstratos?

“Ah, claro que consegue”.

A língua de sinais deriva de uma combinação gestual dos ouvintes?

“Não ela é esquematizada”.

As línguas de sinais, por ser organizada espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espacial. Você acredita que é?

“Eu creio que ela seja visual. Agora eu não sei se a visão esta localizada no mesmo lado da linguagem”.

O hemisfério esquerdo é o responsável pela linguagem e o hemisfério direito pelo espacial.

“Bom compreende os dois, porque é simbólico, porque cada gesto tem um significado. Então tem que interpretar, tem que encadear. Então necessita dos dois hemisférios”.

Você acha que o surdo é uma pessoa nervosa e explosiva?

“De forma nenhuma... Há todos os tipos de pessoas, igual aos ouvintes”.

Todo surdo faz leitura labial?

“Pra falar a verdade eu creio que eles devem buscar fazer isso. Agora se eles todos fazem eu realmente não sei por que tenho pouco contato”.

Todo surdo é mudo?

“E ele for surdo desde o inicio e se ele não foi treinado, né, pra falar ele fica mudo. Mas ele pode aprender mesmo sem.. Porque eu conheço uma menina que nasceu surda e que ela fala. Ela emite sons, ela foi ensinada”.

Todos os surdos conhecem a língua de sinais?

“Infelizmente não”.

Você acha que é difícil aprender língua de sinais?

“Eu acho que é super difícilimo. Eu já tentei, mas não consegui passar do alfabeto.

**Sujeito 9:**

Você é professora de qual área?

“Na formação de professores”.

Pra você é o que é a língua de sinais?

“A língua de sinais é uma forma de comunicação no caso alternativa em relação aos que não tem necessidade e uma necessidade de comunicação em relação aos que outros”.

Pra você quem é a pessoa surda?

“Surda? Pessoa que tem dificuldade para entender o som, ouvir o som”.

Você acha que a língua de sinais é uma mistura de gestos?

“Só gestos eu acho que não. Eu acho que tem todo um contexto, né. Não tenho certeza porque não tenho esse conhecimento todo, mas não é só a questão dos gestos não, acho que o contexto todo em que os gestos são utilizados deve fazer uma diferença no significado”.

A língua de sinais é uma mais língua concreta?

“Não. Ela é capaz de promover uma comunicação através de alguns gestos concretos, mas não só isso. Eu não sei se eu entendi muito bem a pergunta. Até que ponto uma língua é concreta ou abstrata. Ela tem um código concreto, mas também tem características abstracionistas”.

A língua de sinais é universal?

Libras não, porque libras é a língua de sinais do Brasil, agora eu acho que alguns sinais têm um significado maior, de uma compreensão... alguns sinais...”

Então você acha que alguns sinais sim são universais?

“Quando a gente lembra aqueles sinais tão diferentes... Oriente e ocidente... Quando a gente lembra que uma coisa em um lugar quer dizer outra coisa em outro... Não, então não podemos dizer de uma universalidade. Mas eu acho que alguns sinais são compreensíveis dentro de uma mesma população ou dentro de um mesmo contexto sócio-cultural eles têm um significado mesmo que aquele significado não seja gesticulado. Eu falo isso porque me lembro de conviver com um menino que não sabia língua de sinais e agente conseguia se comunicar”.

A língua de sinais tem alguma organização gramatical?

“Acredito que sim. Não há uma correspondência completa em relação à língua verbal, mas que ela tem um código tem”.

A língua de sinais deriva de uma combinação gestual dos ouvintes?

“Eu acredito que talvez ela tenha nascido de uma necessidade. Uma necessidade que... como eu falei tenho uma experiência em que foi de uma necessidade de gestos espontâneos. Nem eu

nem a pessoa com quem eu conversava não tínhamos conhecimento da língua... dos códigos, mas nos conseguíamos nos comunicar”.

As línguas de sinais, por ser organizada espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informações espacial. Você acredita que é?

“Eu já não tenho como dizer isso. Quando você faz a pergunta me parece lógico que sim, mas eu não tenho esse conhecimento pra afirmar isso não”.

Você acha que o surdo é uma pessoa nervosa e explosiva?

“Não, acho que não tem relação não”

Todo surdo faz leitura labial?

“Acredito que não, né. Imagino que alguns tenham desenvolvido essa habilidade e outros não.”

Todos os surdos conhecem a língua de sinais?

“Também imagino que não. Alguns conhecem e outros não. Não acho que todos conheçam a língua de sinais, um código específico não. Agora eu imagino que usem gestos, e não sinais para se comunicar.”

Você acha que é difícil aprender língua de sinais?

“Difícil não, eu acho que difícil não... porque me pareceu, algumas vezes que eu vi alguém comunicando em sinais, me pareceu que há uma correspondência entre o código e o significado do gesto. Então se for ensinado em um contexto significativo eu acho que não seja difícil não. Eu acho que é muito mais difícil depois pegar esse contexto a linguagem que envolve e tudo mais, mas aprender o código em si não acredito que seja difícil não.”

## ANEXO A: QUESTÕES DAS ENTREVISTAS

Qual a Unidade da UFG que você está vinculado?

1. Para você o que é Língua de Sinais?
2. Para você quem é a pessoa surda?
3. A língua de sinais é uma mistura de gestos? ( ) sim ( ) não
4. A língua de sinais é uma língua mais concreta? ( ) sim ( ) não
5. A língua de sinais é universal? ( ) sim ( ) não
6. Existe uma organização gramatical da língua de sinais? ( ) sim ( ) não
7. A língua de sinais deriva da comunicação gestual espontânea dos ouvintes? ( ) sim ( ) não.
8. As línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro, uma vez que esse hemisfério é responsável pelo processamento de informação espacial. ( ) sim ( ) não.
9. O surdo é uma pessoa nervosa e explosiva? ( ) sim ( ) não.
10. O surdo tem problema mental? ( ) sim ( ) não.
11. Todo surdo faz leitura-labial? ( ) sim ( ) não.
12. O surdo é mudo? ( ) sim ( ) não.
13. Todos os surdos conhecem a língua de sinais? ( ) sim ( ) não.
14. É fácil aprender a língua de sinais. ( ) sim ( ) não.
15. Um aluno surdo pode fazer ditado pelo alfabeto manual? ( ) sim ( ) não.
16. O alfabeto manual é a mesma coisa que a língua de sinais? ( ) sim ( ) não